

Mulheres, terceira geração de dentistas da Família

*Danilo Mota de Jesus**
*Josefa Eliana Souza***

Resumo

O objetivo deste estudo é examinar as trajetórias de duas mulheres que seguiram a profissão de dentista de seus pais e avós e se tornaram docentes do curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental e memorial, fundamentada na História Cultural e Oral. Para embasar a escrita, utilizamos várias fontes, tais como: recortes de jornais, fotografias, áudios obtidos por meio de entrevistas e documentos oficiais. Ao abordar três gerações de dentistas e duas famílias diferentes, foi preciso buscar a compreensão do conceito de geração, e Mannheim (1993) define as gerações pela sua situação no decorrer da história. Neste estudo, abordamos brevemente a trajetória de duas mulheres dentistas, ambas da terceira geração familiar de dentistas, Edith Bastos e Tânia Fortes. Na família de Edith, a Odontologia é uma tradição, ela é neta do dentista sergipano Mário Bastos e filha de Walter Bastos, também dentista. Além disso, ela teve duas tias que também seguiram a profissão de dentista. Assim como Edith, Tânia é filha e neta de dentista. Entender como as gerações transmitem suas vivências não é muito simples, pois, mesmo que coexistam no mesmo tempo histórico, as pessoas que pertencem ao mesmo grupo geracional são seres singulares, complexos e com distintas visões de vida.

Palavras-chave: Dentista. Geração. Professoras.

* Doutor e Mestre em Educação (UFS), especialista em Odontologia Legal (Uningá), graduado em Odontologia (Unit). Professor Assistente na Universidade Tiradentes, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre História do Ensino Superior (GREPHS).

** Doutora em Educação (PUC-SP) e Mestra em Educação (UFS), bacharela e graduada em História (UFS), Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Líder o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior GREPHES/UFS/CNPq.



Women, third generation of family dentist

Mujeres, tercera generación de dentistas familiares

Abstract

The aim of this study is to examine the trajectories of two women who followed the dentistry profession of their parents and grandparents and became professors of the Dentistry course at the Federal University of Sergipe. It is a bibliographical, documentary, and memorial research, based on Cultural and Oral History. To base the writing, we used several sources, such as: newspaper clippings, photographs, audios obtained through interviews and official documents. By approaching three generations of dentists and two different families, it was necessary to seek to understand the concept of generation, and Mannheim (1993) defines generations by their situation throughout history. In this study, we briefly approach the trajectory of two female dentists, both from the third family generation of dentists, Edith Bastos and Tânia Fortes. In Edith's family, Dentistry is a tradition, she is the granddaughter of the dentist from Sergipe Mário Bastos and daughter of Walter Bastos, also a dentist. Furthermore, she had two aunts who also pursued the profession of dentists. Like Edith, Tânia is the daughter and granddaughter of a dentist. Understanding how generations transmit their experiences is not very simple, because, even if they coexist in the same historical time, people who belong to the same generational group are unique, complex beings with different views of life.

Keywords: Dentist. Generation. Teachers.

Resumen

El objetivo de este estudio es examinar las trayectorias de dos mujeres que siguieron la profesión de odontología de sus padres y abuelos y se convirtieron en profesoras de la carrera de Odontología de la Universidad Federal de Sergipe. Se trata de una investigación bibliográfica, documental y memorial, basada en la Historia Cultural y Oral. Para sustentar la redacción se utilizaron diversas fuentes, tales como: recortes de periódicos, fotografías, audios obtenidos a través de entrevistas y documentos oficiales. Al abordar tres generaciones de dentistas y dos familias diferentes, fue necesario buscar comprender el concepto de generación, y Mannheim (1993) define las generaciones por su situación a lo largo de la historia. En este estudio, abordamos brevemente la trayectoria de dos mujeres dentistas, ambas de la tercera generación familiar de dentistas, Edith Bastos y Tânia Fortes. En la familia de Edith la Odontología es una tradición, ella es nieta del dentista de Sergipe Mário Bastos e hija de Walter Bastos, también dentista. Además, tenía dos tías que también ejercían la profesión de odontóloga. Al igual que Edith, Tânia es hija y nieta de un dentista. Comprender cómo las generaciones transmiten sus experiencias no es muy sencillo, pues, aunque convivan en el mismo tiempo histórico, las personas que pertenecen a un mismo grupo generacional son seres únicos, complejos y con diferentes visiones de la vida.

Palabras clave: Odontólogo. Generación. Maestros.



Introdução

Na década de 1950, Aracaju demonstrava um considerável crescimento em todas as direções devido ao aumento da migração campo-cidade. Nesse período, se iniciou a produção das residências com estilo modernista na cidade, em especial nas áreas de ocupação privilegiada, a exemplo da região da Rua Villa Cristina, cujos lotes haviam sido aterrados e dotados de infraestrutura pela Prefeitura Municipal nessa década (NERY, 2003). Ao tempo que Aracaju crescia, algumas famílias como as dos dentistas Lélío Fortes e Walter Bastos também cresciam. No ano de 1952, nasceram duas meninas, filhas desses dois odontólogos, que num futuro não muito distante viriam a dar continuidade a uma profissão que já estava na segunda geração familiar. E essas meninas viriam a desempenhar um papel de grande importância para a odontologia e para a educação em Sergipe.

Este estudo tem por objetivo analisar as trajetórias de duas mulheres filhas e netas de dentistas que se tornaram professoras do curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe. Esta é uma pesquisa bibliográfica, documental e memorial, baseada na História Cultural e Oral. No desenrolar deste trabalho, utilizamos diversas fontes para fundamentar a escrita, entre elas: recortes de jornais, fotografias, áudios adquiridos por meio de entrevistas e documentos oficiais.

Ao tratar de três gerações de dentistas e de duas famílias distintas, foi necessário buscar a compreensão do conceito de geração, e Mannheim (1993) define as gerações por sua situação no curso da história (*Generationslage*): para ele, “uma geração [...] participa paralelamente do mesmo período de devir coletivo” (MANNHEIM, 1993, p. 216), ou seja, segundo o estudioso, as gerações não são fixadas apenas em idade, mas em experiências vividas em um mesmo período. Ainda na sua concepção, essa situação corresponde a uma “tendência a um modo de comportamento, a um modo de sentir e pensar determinado” (MANNHEIM, 1993, p. 209).

Nesse entendimento de geração, Sirinelli (2008) afirma que as gerações (atores de um presente) são sempre fruto de um passado, e é justamente sob o efeito dessa dupla diferenciação que elas en-



tão difratam uma história comum de uma forma muito contrastante e, assim, se tornam um prisma em que a sombra lançada por essa história possa ser vista de várias maneiras.

Mulheres na Odontologia

A Odontologia surgiu como uma profissão de execução direcionada para homens, visto que a extração de dentes (ação mais comum relacionada aos dentistas por muito tempo) necessitava de muita força física para sua realização. Até meados de 1860, a mulher podia somente ser auxiliar do dentista. Entretanto, em meados do século XIX, algumas mulheres romperam com os padrões da época e adentraram esse campo baseado na prática (ainda fora do espaço educacional, ou acadêmico), tornando-se referência para muitas mulheres pelo mundo, a exemplo de Amalia Assur e Rosalie Fougelberg, da Suíça, e Emeline Roberts Jones, dos EUA.

318

Em Sergipe, no início do século XX, já era possível encontrar algumas mulheres exercendo a odontologia. Dantas (1920) aponta Laura Amazonas¹ (primeira mulher sergipana a se graduar em Odontologia), Ester Aranha (que atuava em Riachuelo) e Guiomar Calazans e Melo (após se casar, deixou a profissão e se mudou para o Rio de Janeiro com o esposo); ainda na mesma época, segundo Nunes (2008), atuavam também na capital sergipana as dentistas Mary Firpo, Maria Anita de Carvalho Leite, Dulce Menezes e Francisca Marcillac. No *Almanak Laemmert* do ano de 1938, encontramos outras mulheres dentistas atuando em Aracaju, a exemplo de Alice Teles, Heloisa Santos, Laura Soares e Maria José G. Mota, além de Laura Amazonas e Maria Leite, citadas anteriormente. Essas seis mulheres já representavam 37% dos dentistas atuando na capital sergipana, conforme os dados apresentados pelo referido almanaque, que apresentava um universo de 16 dentistas, 10 homens e 6 mulheres.

1 Laura Amazonas fez o curso primário numa pequena escola situada à Rua Itabaiana, no Centro da cidade de Aracaju, tendo como professora sua madrinha, a senhora Rosa. Após os estudos propedêuticos na cidade natal, segue, por iniciativa de um parente chamado Cleobo, para Santos, São Paulo. Lá permanece por longa temporada para completar seus estudos e ingressa na Faculdade de Pharmácia de São Paulo (MENEZES, 2017).

E, com o passar dos anos, esses números só aumentaram, embora no quantitativo geral os homens ainda fossem maioria. Quando os Conselhos de Odontologia foram criados na década de 1960, o número de mulheres exercendo a odontologia ainda não parecia muito expressivo, visto que os homens ocupavam 90% do mercado de trabalho, isso levando em consideração apenas os profissionais que se registraram nos conselhos, uma vez que ainda existia a atuação dos dentistas práticos. Um outro ponto importante a ser enfatizado é que nesse período já havia uma renovação geracional da odontologia em Sergipe, uma vez que os dentistas que foram citados por Dantas (1920) e Nunes (2008) e os demais que encontramos no *Almanak Laemmert* não realizaram inscrição no Conselho Regional de Odontologia.

Feixa e Leccardi (2010) se baseiam em estudiosos do conceito de geração para defender a ideia de geração no pensamento social contemporâneo como uma concepção construída em três momentos históricos, ligados a contextos sociopolíticos específicos: nos anos 1920, entre as duas Guerras Mundiais, as bases filosóficas sustentam-se na ideia de “revezamento geracional” (sucessão e coexistência de gerações), havendo um acordo geral sobre esse aspecto; nos anos 1960, na época das manifestações, uma teoria sobre a ideia de “problema geracional” (e conflito geracional) se apoia na teoria do conflito; a partir da metade dos anos 1990, com o surgimento da sociedade em rede, aparece uma nova teoria sobre a ideia de “sobreposição geracional”. Isso corresponde à situação em que os jovens têm mais habilidade do que as gerações anteriores em um centro de inovação para a sociedade: a tecnologia digital.

Até quase a metade do século XX, a odontologia era uma profissão ainda dominada pelos homens. Entretanto, a partir da década de 1970, as mulheres vêm realizando avanços significativos, com um aumento da presença feminina e uma mudança correspondente na ocupação. Porém, a entrada da mulher no campo odontológico não se deu de maneira tranquila, a classe feminina se impôs e não desistiu de buscar alcançar seus objetivos.

Segundo dados do Conselho Regional de Odontologia (1983), até o ano de 1960 Sergipe possuía 15 dentistas formadas, além das ci-



tadas anteriormente com base em Dantas (1920) e Nunes (2008). O quadro 1, a seguir, identifica essas dentistas com seu local de formação e ano.

Quadro 1 - Mulheres dentistas atuantes em Sergipe formadas entre 1940 e 1960

Nome	Local de formação	Ano
Walmir Nou de Brito	Faculdade Nacional de Odontologia	1940
Maria Viana Tavares de Bragança	Faculdade Nacional de Odontologia	1941
Creuza do Valle Passos	Facul. de Medicina da Universidade da Bahia	1942
Maria Linhares Nou	Faculdade Nacional de Odontologia	1942
Maria do Carmo A. Ramondot	Facul. de Medicina da Universidade da Bahia	1947
Nivalda de Oliveira	Facul. de Medicina da Universidade da Bahia	1947
Valdete Garcia Melo	Facul. de Medicina da Universidade da Bahia	1947
Therezinha Brasil F. P. Barros	Facul. de Medicina da Universidade da Bahia	1948
Zilnah Pinto Maciel	Faculdade Nacional de Odontologia	1950
Sylvia de Andrade Bastos	Facul. de Medicina da Universidade da Bahia	1951
Josete Pinto Cruz	Facul. de Med. da Universidade de Recife	1952
Solange Lemos Muniz Cruz	Facul. de Med. da Universidade de Recife	1954
Maria Idália Sales Ramos	Facul. de Odonto. da Universidade da Bahia	1954
Maria Ivone Bezerra de Brito	Facul. de Odonto. da Universidade da Bahia	1954
Antônia Maria da Silva	Facul. de Medicina da Universidade da Bahia	1955
Maria José de Moura	Facul. de Odonto. da Universidade da Bahia	1957

Fonte: Quadro criado pelo autor com base na lista de inscrição no CRO.

Entre os nomes que estão cadastrados no Conselho Regional de Odontologia de Sergipe dos profissionais formados até o ano de



1960, é possível perceber que o número de mulheres já era quase a metade da quantidade do de homens, que era de 36, fato esse que já se diferenciava do quadro nacional. Embora saibamos que outras mulheres atuavam na odontologia, nos baseamos apenas nos dados do Conselho, uma vez que não tivemos acesso a outras fontes que nos auxiliassem a realizar um processo de identificação mais amplo.

Dentre essas mulheres listadas no quadro 1, três delas desempenharam um papel importantíssimo não somente para a odontologia sergipana, como também para o campo da educação. De acordo com Jesus (2022b), Maria José de Moura, Maria Linhares Nou e Zilnah Pinto Maciel foram as primeiras mulheres sergipanas a atuar como professoras do curso de Odontologia no estado de Sergipe, abrindo as portas para que outras odontólogas pudessem repetir a mesma façanha.

Odontologia na veia

Quando essas três dentistas começaram a lecionar na década de 1970, elas tiveram como uma de suas alunas Edith Maria Santos Bastos. Aprovada no processo seletivo vestibular do ano de 1972, Edith é fruto de uma família de dentistas, neta do renomado dentista sergipano Mário Bastos e filha de Walter Bastos, além de ser filha e neta de dentistas, já que teve duas tias que também exerceram a odontologia. Marina Pereira Bastos e Haydée Pereira Bastos eram irmãs de Walter Bastos e se formaram pela Faculdade Nacional de Odontologia (Universidade do Brasil), as duas decidiram permanecer no Rio de Janeiro após concluírem o curso superior.

A família Bastos basicamente vivia a odontologia; afirmamos isso porque, além de Mário Bastos ter um filho e duas filhas que decidiram seguir a profissão do pai, a esposa dele, Dona Edith Pereira Bastos, também realizava trabalhos odontológicos, ela era quem confeccionava as próteses odontológicas dos pacientes do marido. Esse era um fato inusitado e incomum para a época, visto que as mulheres tinham poucas profissões aceitas socialmente para poderem desempenhar, sendo as mais comuns as atividades domésticas e o magistério. Embora desde a década de 1910 já houvesse dentistas

mulheres atuando em Sergipe, o trabalho de confeccionar próteses ainda era exercido por homens, e em sua maioria por dentistas práticos. Com isso, podemos afirmar que D. Edith foi uma pioneira na arte protética dental em Sergipe. Com toda essa trajetória familiar na odontologia, não causa nenhuma surpresa a escolha da neta de D. Edith em seguir o campo profissional da família, pelo contrário, era algo que já se esperava.

Com essa afirmação, a ideia que se traz é que Edith (neta) já havia escolhido a odontologia desde a infância, porém ela diz que, quando era criança, em suas brincadeiras com suas bonecas, tinha dupla profissão: às vezes, era dentista, e outras, professora, mas na juventude decidiu seguir os passos do pai.

Edith, a neta, nasceu em Aracaju em 6 de agosto de 1952, filha de Celina Santos Bastos e Walter Pereira Bastos, recebendo seu nome em homenagem à avó paterna. Ela iniciou sua formação educacional no Colégio do Salvador, em seguida estudou no Ginásio de Aplicação e, ao concluir o curso ginásial, foi aprovada em segundo lugar no vestibular do curso de Odontologia, ingressando em 1972. Durante o curso, se mostrou empenhada e também que a odontologia estava no seu sangue; por seu empenho, acabou sendo selecionada para monitoria na disciplina Materiais Dentários para auxiliar o professor Fabiano Aguiar, e foi a monitoria o que lhe abriu os olhos para novas possibilidades que a odontologia poderia oferecer.

Ainda como estudante, Edith e seu colega de turma, Hélio Feitosa, lideraram um movimento que aconteceu entre os alunos do curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe, buscando agilizar o reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação – MEC. Ela concluiu a graduação em 1975 (imagem 1), no mesmo ano em que o curso foi reconhecido pelo MEC (JESUS, 2022a). E, por sua dedicação, ela recebeu da UFS, no ano de 1975, a Medalha de Mérito Estudantil.



Imagem 1 - Edith Bastos e Walter Bastos



Fonte: Arquivo pessoal de Edith Bastos.

Ainda de acordo com Jesus (2022a), depois de se formar, Edith foi aprovada em concurso público para trabalhar como cirurgiã-dentista na Secretaria Estadual de Saúde. E, por conta dessa aprovação, ela foi designada para trabalhar na Casa Maternal Amélia Leite.

Pelo fato de ter exercido monitoria na disciplina Materiais Dentários quando cursava Odontologia, Edith foi convidada para assumir a disciplina como professora substituta quando Fabiano Aguiar precisou deixar o curso de Odontologia em 1976. Na mesma época, surgiu uma oportunidade para fazer um curso de aperfeiçoamento em Materiais Dentários na Faculdade de Odontologia de Bauru, e o coordenador do curso da UFS, Fernando Vasconcelos, recomendou Edith para o colegiado para que ela pudesse fazer o curso.

Com o ingresso, como professora, no curso de Odontologia, ela iniciou uma nova fase da sua vida, fixando em sua carreira profissional o que um dia foi brincadeira de criança, passando assim a ser dentista e professora. Embora fizesse parte de uma terceira gera-

ção de dentistas no meio familiar, ela também se tornou a primeira aluna do curso a se tornar professora dentro dele, mesmo que de forma temporária inicialmente. Edith então inaugura a segunda geração de professores e a primeira geração de professores que foram alunos do curso de Odontologia.

A ligação entre as gerações e a sucessão do tempo biológico não é apenas uma ideia construída socialmente e aceita como natural. Essa concepção tem suas raízes na tradição clássica, encontrada no livro de Gênesis do Velho Testamento, assim como na poesia e historiografia gregas (BORTOLAZZO, 2015). Mannheim (1993) compreende que as gerações podem ser consideradas históricas e sociais. Ou seja, o que define uma geração é o processo histórico vivenciado por um grupo de pessoas, e não uma data de nascimento compartilhada.

Segundo Mannheim (1993), o ambiente sócio-histórico, especialmente os eventos notáveis que envolvem ativamente as pessoas em sua juventude, exerce uma influência significativa sobre elas. Isso dá origem a cortes sociais baseados em experiências compartilhadas, as quais, por sua vez, influenciam os eventos que moldam as gerações futuras.

Esse compartilhamento de experiências que Mannheim (1993) cita foi vivido por Tânia Maria Vieira Fortes, filha e neta de dentista, que também trazia a odontologia em suas veias. Nascida em 23 de novembro de 1952, filha de Lélcio Passos de Guimarães Fortes e Ester Vieira de Santana Fortes, Tânia iniciou sua formação educativa no Colégio do Salvador, onde fez o curso primário; ao final do ciclo básico, foi estudar no Ginásio de Aplicação e, em seguida, no Colégio Estadual Atheneu Sergipense; buscando sua formação profissional, se mudou para Salvador, na Bahia, no início da década de 1970 para fazer o curso preparatório para ingresso na Universidade Federal da Bahia, que acontecia no Colégio Nossa Senhora da Vitória (Colégio Marista de Salvador).

Segundo Jesus (2022a), Tânia Fortes sonhava ser dentista como seu pai e seu avô, ambos profissionais da área. Seu pai, além de dentista, era professor e coordenador do curso de Odontologia da UFS. Mesmo assim, ela preferiu estudar em Salvador, pois tinha receio de que o curso de Sergipe não fosse reconhecido.



Em meio às incertezas, buscar uma formação na área da Odontologia por aqui era um desafio, mas nos surpreendeu o fato de Tânia ter ido para a Bahia para aquisição de seu diploma. A princípio, achamos que ela estava seguindo os passos do avô (Arício Fortes) e do pai por uma questão de satisfação pessoal, mas não foi bem assim que ocorreu. Segundo Fortes (2017),

[...] na época que eu iria para o terceiro científico, aquela dúvida se a Universidade teria condições de manter [...] o curso, ou pegaria os alunos que já tinham feito o vestibular e encaminharia para outro estado. Com essa indecisão eu fui fazer fora. [...] foi uma dúvida temporária, mas foi no tempo que eu estava para fazer vestibular.

O momento de incerteza que se percebe no relato de Tânia se deu quando o curso estava se preparando para iniciar o ciclo profissionalizante, pois era nessa fase que a universidade precisava de mais recursos para adquirir e montar os equipamentos para que o curso funcionasse. Ela se dedicou ao vestibular da Universidade Federal da Bahia – UFBA, mas, antes de conseguir uma vaga em Odontologia, passou em Medicina na Escola Baiana de Medicina, no entanto não aceitou a vaga porque queria realizar seu desejo. Em 1972, finalmente entrou no curso de Odontologia que tanto desejava. No ano de 1975, concluiu o curso, e, diferentemente do que se esperava, a cerimônia foi simples e aconteceu no auditório da Faculdade de Medicina da UFBA (imagem 2).

Imagem 2 - Tânia Forte e os pais em cerimônia de colação de grau



Fonte: Arquivo pessoal de Tânia Fortes.

326



Segundo Jesus (2022a), quando voltou à cidade de Aracaju, Tânia iniciou suas atividades profissionais no consultório que pertencia a seu avô, onde seu pai também atendia, localizado na Praça Olímpio Campos, 428. Mesmo se formando em outra universidade, ela criou uma relação de amizade e respeito com os professores do curso sergipano, um exemplo disso é sua participação no XI Congresso Brasileiro de Odontologia e III Congresso Internacional de Odontologia, que ocorreu em 1972 na cidade de Recife, junto com o pai, outros professores e alguns alunos da primeira turma de Odontologia da UFS. Tânia conseguiu criar uma rede que ultrapassou as fronteiras da Bahia e de Sergipe, e isso a levou para a cidade do Rio de Janeiro, onde foi se especializar e se matriculou no curso de Periodontia do Instituto de Especialização Odontológica da Policlínica Geral do Rio de Janeiro – IEO-PGRJ, concluindo o curso no ano seguinte, 1977.

Com isso, ela se tornou a primeira periodontista do estado de Sergipe e, por esse motivo, começou a ser referência na especialidade no estado, sendo convidada para palestrar na I Semana Acadêmica Odontológica, promovida pelo Conselho Regional de Odontologia – CRO/SE, pela Sociedade Odontológica de Sergipe – SOS e

pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, que aconteceu no ano de 1977.

Depois de concluir sua especialização, continuou suas atividades no consultório. Em 1979, com a aprovação no concurso para professor do curso de Odontologia da UFS, Tânia voltou ao mundo acadêmico assumindo um novo papel. A dentista conciliou a odontologia à docência assumindo a disciplina Periodontia, que na época era optativa; mesmo assim, a grande maioria dos alunos de modo geral se matriculava nela devido à importância que a ela já era dada naquela época.

Edith Bastos e Tânia Fortes fizeram parte de famílias em que a odontologia era o campo de atuação profissional principal, uma vez que alguns desses familiares antes citados desempenharam alguma outra função fora do campo da odontologia. Podemos afirmar isso quando lançamos nossas lentes para a atuação profissional dos ascendentes delas.

Da odontologia à produção do saber

Passamos a maior parte deste escrito enfatizando a atuação feminina e familiar dessas duas mulheres na Odontologia e quase perdemos uma parte essencial da vida da família de Tânia Fortes que certamente exerceu uma grande influência na sua formação profissional. Além de dentista, o avô paterno dela também exerceu a função docente, bem como o pai dela. Arício Fortes foi professor da Escola Normal Ruy Barbosa por muitos anos e exerceu o cargo de diretor da mesma instituição; já Lélío Fortes começou sua atividade docente no curso de Odontologia da Universidade Federal de Sergipe, atividade que desempenhou até o início da década de 1990. Embora não tenhamos encontrado informações documentais a respeito da atividade docente do avô de Edith, em entrevista concedida em 2017, o dentista e ex-professor do curso de Odontologia da UFS, Afrânio Bastos, afirmou que Walter Bastos (pai de Edith) se candidatou ao cargo de professor para o curso de Odontologia, mas não foi aprovado.

Embora não tenha tido uma herança docente como se percebe na família Fortes, Edith Bastos desempenhou a função docente muito bem. Durante sua vida acadêmica, ela exerceu diversas funções

na Universidade Federal de Sergipe, tendo sido membro do Colegiado do Curso de Odontologia, presidente da Comissão de Estágio e coordenadora da disciplina Clínica Odontológica Integrada. Também foi chefe do Departamento, membro do Conselho Administrativo do Hospital Universitário, entre outras funções. Participou de bancas de concurso público para professor e foi responsável pela primeira publicação sobre a história do curso de Odontologia da UFS, texto publicado em 1999. Em março de 2002, Edith deixou a carreira docente e passou a atuar somente no seu consultório.

Edith e Tânia são de uma mesma geração, mas apresentam em suas trajetórias visões de mundo diferentes, e, segundo Mannheim (1993), os membros de uma geração são estratificados internamente por fatores como localização, cultura e classe social. Isso significa que eles podem ter perspectivas diferentes sobre os mesmos eventos e não são totalmente homogêneos. Mesmo dentro da “geração atual” pode haver diferentes respostas à situação histórica particular, estratificadas por várias “unidades geracionais” ou “gerações sociais”.

Essas diferentes perspectivas enfatizadas por Mannheim (1993) podem ser identificadas no decorrer da vida dessas duas mulheres. Enquanto Edith estava se preparando para deixar a carreira docente, Tânia teve a oportunidade de ampliar seu capital cultural². No ano de 1999, juntamente com um grupo de professores da Educação Superior de Sergipe, foi aprovada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para o mestrado em Patologia Oral, curso que finalizou no ano 2000. Também no ano de 1999 começou a lecionar na Universidade Tiradentes. Após concluir o mestrado, juntamente com seus alunos e com colegas nas duas universidades, iniciou um ciclo de publicações que em revistas, anais de eventos e jornais especializados. Devido à sua boa relação com os alunos, Tânia orientou diversos trabalhos de conclusão de curso.

No ano de 2010, ela deixou suas funções na Universidade Tiradentes para assumir dedicação exclusiva na Universidade Federal

2 A esse tipo de capital, Bourdieu (1999) chama de capital cultural institucionalizado: o conjunto de títulos, diplomas, credenciais e qualificações que uma pessoa obtém por meio de instituições educacionais ou profissionais. É uma forma de capital que confere autoridade e reconhecimento social a uma pessoa.



de Sergipe. Em 2019, se aposentou da UFS, no entanto ficou mais um período na instituição como professora voluntária.

A experiência dos anos vividos em contato com outros professores/dentistas no curso de Odontologia ajudou essas duas mulheres a ampliarem seus horizontes (visão de mundo) e suas redes de amizade (sociabilidade). A atividade profissional que estava em sua terceira geração familiar teve continuidade na família de Edith, que já se apresenta na quarta geração, mas teve uma ruptura na família de Tânia, encerrando assim um ciclo profissional geracional.

Considerações finais

Compreender como as gerações compartilham suas experiências vividas não é muito fácil, visto que, ainda que vivendo num mesmo tempo cronológico, os indivíduos que compartilham o mesmo estado geracional são seres únicos, complexos e com diferentes perspectivas de vida. Essas duas mulheres dentistas-professoras tiveram influências na escolha profissional, mas viveram em grande parte de suas vidas experiências distintas. Ambas desempenharam suas atividades profissionais de maneira dedicada e com isso receberam de seus alunos reconhecimento e agradecimento em forma de homenagens em cerimônias de formatura.

Uma outra questão que se pôde verificar na trajetória dessas duas dentistas foi a continuidade da odontologia como atividade profissional na família de Edith Bastos, que teve dois filhos que seguiram os passos da mãe, do avô e do bisavô. Já no lado da família Fortes, percebemos o encerramento da geração de dentistas e de professores, na medida em que a filha de Tânia decidiu seguir um caminho diferente do de sua mãe e de seus ancestrais.

Mesmo Tânia não tendo deixado frutos profissionais na família, é certo que ela, bem como Edith, puderam viver em sua plenitude a carreira tanto odontológica quanto docente em sua plenitude, uma vez que ajudaram na formação profissional de muitos homens e muitas mulheres, mostrando que ser professor é ser um agente de transformação e confiança no futuro, é saber lidar com mentes que ainda estão em construção, e que ser dentista é auxiliar na recupe-



ração da autoestima, possibilitando aos que estão à sua volta sorrir com mais tranquilidade.

Referências

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. De Comte a Bauman: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 22, p. 121-144, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 71-79.

DANTAS, Nyceu. A odontologia em Sergipe através do século (Um esboço histórico). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Ano 5, v. 5, n. 9, p. 119-131, 1920.

FORTES, Tânia Maria de Guimarães. *Entrevista I: Ex-Professora da UFS* [jul. 2017]. Entrevistador: Danilo Mota de Jesus. Aracaju, 2017. 1 arquivo. 3gpp (35 min).

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Sociedade e Estado*, v. 25, p. 185-204, 2010.

JESUS, Danilo Mota de. *Do consultório para as aulas da Universidade Federal de Sergipe: trajetórias de professores-alunos do curso de Odontologia (1972-1979)*. Tese (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022a.

JESUS, Danilo Mota de. *Uma história da Odontologia em Sergipe: do ensino à estruturação do “campo” (1925 – 1975)*. Aracaju: Editora SEDUC, 2022b.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. Tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas* (REIS), n. 62, p. 193-242, 1993.

MENEZES, Edmilson. Memória em espelho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 47, v. 2, p. 218-227, 2017.

NERY, Juliana. Registros: as residências modernistas em Aracaju nas décadas de 50 e 60. V *Seminário DOCOMOMO Brasil*, 2003.

NUNES, Maria Thetis. Os dois últimos presidentes da valha república. In: NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS: Fundação Oviedo Teixeira, 2008. p. 249-278.

SIRINELLI, Jean-François. Génération, générations, Vingtième Siècle. *Revue d'histoire*, n. 98, p. 113-124, 2008.

